ANNO II — N. 18 OUTUBRO DE 1926

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTORIA DA INSTRUCÇÃO

FACHADA DO CONSERVATORIO MINEIRO DE MUSICA (CAPITAL)

BELLO HORIZONTE
ESTADO DE MINAS GERAES
BRASIL

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTORIA DA INSTRUCÇÃO

ANNO II | Bello Horizonte, Outubro de 1926 | NUM. 18

OS GRANDES NOMES DA PEDAGOGIA

JOÃO BAPTISTA DE LA SALLE

(1651—1719)

João Baptista de la Salle, que a Egreja Catholica collocou sobre os altares, canonizando-o, nasceu em Reims. Estudou no afamado seminario de Sulpicio, ahi sendo discipulo do grande Fenelon. Em 1681, fundou elle a Congregação dos *Irmãos das Escolas Christãs*, que se espalhou rapidamente, por todo o mundo.

La Salle foi o verdadeiro fundador da escola popular em França. Para se entregarem exclusivamente ao ensino, são irmãos leigos os membros dessa Congregação. Para mostrar a rapidez com que se desenvolveram as instituições creadas pelos *Frères des Ecoles Chrètiennes*, basta dizer que, ao morrer o seu santo fundador possuiam elles já 100 escolas com cerca de 10.000 alumnos, numa epoca muito differente da nossa, estando quasi tudo por fazer-se em materia de ensino popular.

Os Irmãos das Escolas Christãs, pela *Regra* escripta por J. B. de la Salle, fazem o juramento solenne de entregar-se á educação christã das crianças, fundando por toda a parte escolas gratuitas.

Alem da *Regra*, escreveu la Salle a *Direcção das Escolas Christãs*, onde formulou os principios que devem reger a instrucção e a educação, e as normas que os Irmãos devem seguir na sua tarefa

Outros escriptos compoz ainda La Salle, com o mesmo objectivo fundamental do ensino popular.

Os principios pedagogicos fundamentaes de La Salle resumem-se nos seguintes:

Como fundamento de toda educação e ensino permanece o velho axioma: — *Initium sapientiae timor Domini*: — O principio de toda sabedoria é o temor de Deus. A educação, pois, deve ser francamente religiosa.

Para conseguirem efficacia nos seus conselhos e ordens, precisam os educadores prestar a maxima attenção, não sómente ao alumno, quanto ás qualidades e aptidão deste, mas tambem a si mesmos, devendo constituir um modelo de moralidade, dedicação e diligenca.

Os premios são utilissimos, porque estimulam as crianças e correspondem mesmo a uma necessidade da sua natureza, na edade em que se acham. A criança gosta de receber premios e presentes.

La Salle permitte os castigos, quando faltem os outros meios; mas, as condições por elle estabelecidas para a applicação de tal recurso, demonstram o grande progresso que se realizou então no regimen escolar, em materia de repressão, graças ao fundador das *Ecoles Chrètiennes*. Effectivamente, o rigor, a severidade, o castigo, as vezes barbaro, eram ás normas escolares da epoca.

Insiste muito La Salle em que deve o mestre prevenir a falta do alumno, de preferencia a castigal-o. «São delle estas palavras: Para que uma escola funccione bem com os melhores resultados, nella devem ser raros os castigos. O professor deve ter a firme convicção de que, em uma escola, se adquire e conserva a auctoridade muito mais pela energia de caracter, pela firmeza, seriedade e discreção do que pelo rigor e pelas pancadas. Os castigos são a causa do horror ás escolas e do abandono destas».

A criança deve ser considerada individualmente. Umas são firmes, outras inconstantes; umas timidas, outras audazes;

umas distrahidas, outras attentas. «Esses caracteres tão variados, não devem ser tratados do mesmo modo».

Não ha funcção mais nobre do que educar e ensinar as crianças. «Na escola, o mestre occupa o logar de Jesus Christo». Capacidade, zelo, ordem e paciencia: eis as qualidades principaes de um mestre.

Não se deve fornecer á criança a instrucção que se acredita ser a melhor e mais completa, porém, a melhor que a sua capacidade comporta. A instrucção superior á capacidade e ás forças do alumno, ser-lhe-á inutil, si não nociva.

Contrariamente ao costume então geral, La Salle estabelece o ensino em classes, sendo identico o ensino em cada classe.

—

O merecimento de S. João Baptista de la Salle foi grande, principalmente si attendermos á epoca em que appareceu. Contrariou os habitos de castigos nas escolas; estabeleceu o ensino em classes, unico meio de tornal-o popular, porque, isoladamente, como era geral então, só podia o ensino ser accessivel aos ricos. Dignificou a condição do mestre, dando-lhe a devida importancia e delle exigindo as mais elevadas qualidades.

Embora estabelecendo o ensino uniforme em classes, comprehendeu a verdadeira psychologia infantil, querendo que a criança seja estudada individualmente, quanto ao seu caracter e capacidade, devendo ser o methodo de educação adequado a essas condições.

La Salle é o fundador do primeiro estabelecimento destinado ao preparo de professores, o que contribuiu muito para elevar o nivel dessa classe.

Procurou interessar os paes no trabalho escolar, fazendo com que visitassem as escolas, acompanhassem o trabalho dos alumnos e, sobretudo, mandassem os seus filhos aos estabelecimentos de ensino.

Finalmente, não se devem esquecer as excellentes e variadas obras didacticas que se devem aos benemeritos filhos de La Salle, os *Frères des Ecoles Chrètiennes*.

«Um povo em cujo meio falte ou desfalleça o espirito religioso está fadado a viver sem ideaes, e, portanto, a existir sem os moveis que, em verdade, justificam e nobilitam a vida.» — Palavras do Presidente Antonio Carlos no banquete de Barbacena.

Congresso de Ensino Primario

O Governo de Minas, auctorizado pelo Congresso do Estado a reformar o ensino, quer auscultar a opinião, pelos seus orgãos mais legitimos e mais esclarecidos.

Auctorizado a reformar o ensino, resolveu o Governo do Estado preliminarmente auscultar a opinião, pelos seus orgãos mais legitimos e mais esclarecidos. Para isso, vae convocar um Congresso de ensino, que se deverá realizar na Capital, em Janeiro proximo, em dias que serão opportunamente designados.

Os trabalhos preparatorios, relativos á escolha dos assumptos que deverão ser tratados, organização das theses a ser estudadas etc., foram confiados pelo Secretario do Interior a diversas commissões constituidas por professores do ensino primario, secundario e superior, inspectores e varias outras pessoas de notoria competencia na materia.

Essas commissões já se acham em pleno trabalho, organizando as theses. Até o proximo dia 15 de Novembro, estará terminada essa primeira tarefa, sendo, então, publicadas as theses para que possam ser estudadas pelos futuros membros do Congresso.

E' excusado encarecer a elevada significação e a importancia dessa deliberação do Governo. O assumpto é da maxima importancia. Regular-o por meio das leis que pareçam as melhores, colhidas aqui e acolá, embora ás vezes nos paizes mais cultos, é um erro grave. Nada, pois, mais racional e mais justo do que ouvir aquelles que, pela sua experiencia no paiz, pelo seu amor ao ensino, pelo seu patriotismo, digamos mesmo: pelo seu brio profissional, estejam em condições de aconselhar as leis que, não sendo embora as mais perfeitas em these, sejam as melhores que a nossa situação, tradições, habitos e recursos comportam.

E' de esperar, pois, que essa iniciativa seja tomada na devida conta, não somente pelo professorado, mas por todos que se interessam pelo ensino e estão nas condições de sobre elle suggerir algo de util.

GRUPO PEDRO II — FACHADA GERAL

As Commissões ficaram assim constituidas:

COMMISSÃO EXECUTIVA:—Dr. Lucio José dos Santos, dr. Antonio Affonso de Moraes, dr. Arthur Eugenio Furtado, dr. Polycarpo de Magalhães Viotti, dr. Arduino Bolivar, dr. José Oswaldo de Araujo, dr. Oswaldo de Mello Campos, professor Antonio Raymundo da Paixão, professora Helena Penna, professora Maria Salomé Penna, professora Corintha Dias, professora Victalia de Oliveira Campos, professor Francisco José Bernardes, professora Maria da Gloria de Moura Costa, professora Guiomar Vaz de Mello, professora Zelia Corrêa Rabello, professora Marietta Brochado, professora Marianna Noronha Horta.

COMMISSÃO DE ORGANISAÇÃO GERAL DO ENSINO—Dr. Lucio José dos Santos, dr. Antonio Affonso de Moraes, dr. José de Magalhães Drummond, professor Firmino Costa, dr. Alexandre Drummond, dr. Alberto Alvares Fernandes Vieira, professor Antonio Raymundo da Paixão, dr. Oswaldo de Mello Campos, professora Helena Penna, professora Maria Luiza de Almeida Cunha, professora Ignacia Guimarães, dr. Antonio Benedicto Valladares Ribeiro e professor Francisco Lins.

INSPECÇÃO TECHNICA — Dr. Lucio José dos Santos, dr. Arthur Eugenio Furtado, regional Fernando de Magalhães, professor Antonio Raymundo da Paixão, regional Ernesto Carneiro Santiago.

DESENHO E TRABALHOS MANUAES—Professor Anibal Mattos, professora Anna de Santa Cecilia, professora Emilia Truran, professora Thereza de Figueiredo Santos, professora Alexandrina Santa Cecilia, professora Emma Simoni, professora Marianna Noronha Horta, professor Manoel Penna, professor José Maria do Espirito Santo Filho e professora Judith Renault.

HYGIENE ESCOLAR E EDUCAÇÃO PHYSICA:—Dr. Lucas Monteiro Machado, dr. Theophilo Santos, professora Anna Luiza de Araujo, professora Guiomar Meirelles, professora Marietta Brochado, professor Antonio Pereira da Silva, dr. Abilio de Castro, dr. Marques Lisbôa.

COMMISSÃO DE PROGRAMMAS:—Dr. Lucio José dos Santos, professor Firmino Costa, professor Antonio Raymundo da Paixão, professora Helena Penna, professora Zelia Corrêa Rabello, professor Euclydes Ferreira, professora Maria Salomé Penna, professora Elvira Brandão e professora Victalia de Oliveira Campos.

APPARELHAMENTO ESCOLAR—LIVROS DIDACTICOS E LIVROS PARA PROFESSORAS—Dr. Affonso Santos, dr. Oswaldo de Mello Campos, dr. José de Magalhães Drummond, professora Maria Luiza de Almeida Cunha, professora Maria Rita Burnier Pessôa de Mello Coelho, dr. Polycarpo de Magalhães Viotti, professora Elvira Brandão, professora Ignacia Guimarães e professora Guiomar Vaz de Mello.

ESCOLAS INFANTIS:— Professora Ondina Amaral Brandão, professora Rita de Cassia de Lima Chaves, professora Zenolia Corrêa Rabello, professora Ermelinda Bergo, professora Albertina Magalhães.

EXAMES E TESTS:—Dr. Lucio José dos Santos, dr. Alexandre Drummond, professora Anna Santa Cecilia, professora Benedicta Valladares Ribeiro, professora Odette Klein, professora Zelia Corrêa Rabello e professora Elvira Brandão.

CANTO:—Professora Branca de Carvalho Vasconcellos, professora Maria Auxiliadora de Lima, professora Maria Antonietta de Mello e Silva e dr. Arduino Bolivar.

EDUCAÇÃO CIVICA:—Dr. José Oswaldo de Araujo, dr. Claudio Brandão, dr. José de Magalhães Drummond e dr. Mario de Lima.

«Os cursos technicos, si possivel annexos aos grupos escolares, apresentam-se como indispensaveis á realização dos fins a que se impõem os planos de educação modelados pelas exigencias da vida contemporanea.»—Palavras do Presidente Antonio Carlos no banquete de Barbacena.

Disciplina e liberdade

Como organismo, está o homem sob o imperio das leis biologicas que não póde violar impunemente. Taes leis não são o resultado de sua vontade; e quando essa vontade o põe fóra dessas leis; ipso facto, põe-se elle no caminho de sua destruição.

LUCIO JOSÉ DOS SANTOS

Nada mais pernicioso, diz Forster, do que a convicção bastante generalisada, segundo a qual, modestia e liberdade, disciplina e dignidade pessoal são conceitos contradictorios, são cousas inconciliaveis.

Frequentemente se ouve dizer que a modestia é um elemento de insuccesso na vida, e que só a liberdade permitte o pleno desenvolvimento de todas as faculdades, condição indispensavel para a plenitude da existencia, para a lucta, para a victoria.

E' corrente a affirmação de que a disciplina deprime a dignidade. A indisciplina, dizem ou, si o não dizem, pensam muitos, é uma demonstração de energia e vitalidade, uma prova de intelligencia e capacidade.

E' um insubmisso, diz-se muitas vezes de alguem que rompeu com o ambiente, abriu novos caminhos e rasgou novos horizontes. Insubmisso constitue alto elogio.

Têm razão os que assim pensam ? E si têm razão, como orientar a educação da mocidade, especialmente a das creanças ?

A primeira cousa a fazer, nesta como em quaesquer outras controversias, é precisar bem os termos da questão. E não é raro chegarem os adversarios a accordo mediante essa simples preliminar. De facto, si as palavras são equivocas, em vão discutem os adversarios, porque, na realidade, é como si elles não se avistassem bem, no terreno da lucta, não sendo assim possivel que, salvo por um acaso, venha um delles a derribar o outro ou terminem ambos a se apertarem as mãos.

Que devemos entender por liberdade ? Que cousa é a dignidade ? Que significam as palavras — modestia, contenção, disciplina ?

O homem, mesmo fazendo abstracção de qualquer pensamento religioso, e considerado apenas pela sua natureza biologica e pela sua situação em sociedade, isto é, como organismo e como ser social, tem um papel a representar, um destino a preencher.. E' evidente que deve o homem afastar de si tudo que póde desvial-o, perturbal-o ou prejudical-o de qualquer modo, no desempenho desse papel, na realização desse destino, muito embora se restrinjam esse papel e esse destino á vida meramente terrena.

Como organismo, está o homem sob o imperio das leis biologicas, que não póde violar impunemente. Taes leis não são o resultado da sua vontade; e quando essa vontade o põe fóra dessas leis, *ipso facto*, põe-se elle no caminho da sua destruição.

Póde o homem ser livre em face dessas leis ? Consistirá a sua verdadeira liberdade em se não submetter a ellas ?

Será uma falta de dignidade reconhecer que os excessos na comida ou na bebida são prejudiciaes, ou que o trabalho e o repouso são indispensaveis ao organismo ?

Será indigno do homem verificar que deve conter numerosos reclamos da natureza animal, em beneficio do aperfeiçoamento de outras funcções de ordem mais elevada ?

Qual mais nobre o ebrio ou o abstenio ? O diligente ou o preguiçoso ? E, entretanto, qual o disciplinado e qual o livre ?

Si, da vida organica passarmos á vida social, mais accentuado será o absurdo da affirmação.

A sociedade não póde desenvolver-se e progredir sem uma orientação determinada e harmonica das unidades que a compõem.

O GOVERNO DE MINAS E SEUS AUXILIARES

DR. ANTONIO CARLOS
PRESIDENTE DO ESTADO

DR. ALFREDO SÁ
VICE-PRESIDENTE DO ESTADO

DR. FRANCISCO DA SILVA CAMPOS
SECRETARIO DO INTERIOR

DR. OUDESTEU DE SÁ PIRES
SECRETARIO DAS FINANÇAS

DR. AUGUSTO VIANNA DO CASTELLO
SECRETARIO DA AGRICULTURA

DR. CHRISTIANO MONTEIRO MACHADO
PREFEITO DA CAPITAL

DR. JOSÉ FRANCISCO BIAS FORTES
SECRETARIO DA SEGURANÇA PUBLICA

DR. NORALDINO LIMA
DIRECTOR DA IMPRENSA OFFICIAL

As actividades individuaes se vão manifestando e operando em multiplos sentidos. A resultante dessas acções representa a acção da collectividade. Ora, a resultante depende essencialmente das componentes. Uma sociedade vale o que valem os individuos que a compõem.

Não é, pois, indifferente, para o resultado geral, que taes individuos procedam deste ou daquelle modo, que sejam fortes ou fracos, morigerados ou corruptos, desinteressados e idealistas ou grosseiros e egoistas.

Em vista da sua situação no seio de uma collectividade, póde mesmo o individuo ser levado a violar algumas das leis a que obedece o seu organismo, considerado isoladamente. Nada mais imperioso do que o impulso de conservação da vida, e, entretanto, quantos caminham heroicamente para a morte, sacrificando-se pela sua familia ou pela sua patria ?

Nada mais doce do que os laços da familia; e, quantos abandonam familia e patria, renunciam a tudo, para se consagrarem ao beneficio e á felicidade dos outros ?

Onde os livres e os disciplinados ?

Onde os indisciplinados e os sem dignidade pessoal ?

A liberdade não consiste em violar o individuo todas as normas a que deve estar sujeito, na ordem pessoal e na ordem social. Livre verdadeiramente é aquelle que, bem pesando o que é de facto util a si e aos outros, acceita as normas que o conduzem a esse resultado, assim como livre não é o engenheiro que ergue uma construcção, violando todas as regras, mas o que obedece estrictamente ás leis da resistencia dos materiaes e da estabilidade das construcções.

Aquelle que acceita uma disciplina conducente aos resultados que a sua razão e a sua consciencia lhe dictam, reforça e engrandece a sua dignidade, longe de deprimir-se e abater-se.

A modestia não está em sacrificar o seu talento e em inutilizar a sua capacidade, pois, é um dever de todo homem pôr em proveito todos os recursos da sua força e da sua mentalidade. E Deus exigirá mais daquelles que melhor dotou.

Aquelles, porém, que se querem collocar sempre na frente, que alardeam qualidades e merecimentos, que invocam serviços e reclamam recompensas, os immodestos, os audazes, os avançadores, esses, quasi sempre destituidos do que estadeam e indignos do que reclamam, são muito mais nocivos do que aquelles que, por mal entendida modestia, deixam de prestar á sociedade os beneficios de que são capazes.

A dignidade pessoal não póde consistir em fazer o arbitrario e pôr acima de tudo a propria individualidade, mas em cumprir o dever quaesquer que sejam os sacrificios, em supportar altivamente todos os desastres, sem perder a mesma elevação de alma e de sentimento.

«Estou certo de que si, no preparo e adopção dos processos de ensino, nos inspirarmos menos nos livros attinentes a outros povos, e mais nas condições peculiares aos nossos meios urbanos e á vida individual e social da nossa gente do interior, bem mais alcançaremos no proposito de disseminar, em termos satisfactorios e com proveito certo, extensa e intensamente a instrucção.» — Palavras do Presidente Antonio Carlos no banquete de Barbacena.

O canto nas escolas

BRANCA DE CARVALHO VASCONCELLOS

OS CUIDADOS COM A VÓZ (1)

2.° NO CURSO PRIMARIO E NO FUNDAMENTAL

Como nas escolas infantis, o canto coral no ensino primario e no fundamental é praticado tambem por imitação ou de ouvido, accrescido, porém, de exercicios de respiração, de emissão e de vocalização.

Seguindo o mesmo methodo adoptado até aqui nesta exposição, vejamos em primeiro logar alguns cuidados a observar com a vóz nessas duas classes.

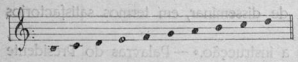
Na idade de 7 a 14 annos, como sabemos, o timbre de vóz já não é impreciso ou incolor como na infancia. Revéla-se gradativamente mais harmonioso e define-se nitidamente nos dois sexos, podendo-se distinguir muito bem a vóz dos meninos da voz das meninas. O timbre daquelles é mais cheio, mais robusto, emquanto que o caracteristico da vóz das meninas é ser mais doce e delicada.

A extensão da vóz nesse periodo adquire tambem maior alcance, offerecendo por isso mais recursos ou possibilidades do ponto de visa pratico ou artistico.

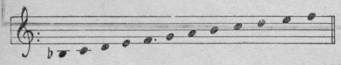
Não existe, todavia, differença muito accentuada de extensão entre as duas vózes. Haverá, é certo, alguma differença, mas individualmente. Tratando-se de côro, em regra na mesma idade pode-se tomar como base que o alcance medio é o mesmo para meninos e meninas.

Isto é:

Extensão da vóz de ambos os sexos, dos 7 aos 10 ou 11 annos:



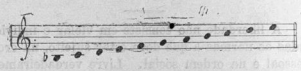
Dos 12 aos 14 annos:



Essa é a extensão pratica a observar, tratando-se de um côro em que todas as vózes cantem em unisono.

Convém não fazer cantar juntos meninos de idades muito differentes — por exemplo, de 7 e 14 annos — são só porque nesse caso os limites de extensão são diversos, mas tambem porque, ainda mesmo que se quizesse estabelecer uma media, a vóz dos maiores, sendo mais forte, encobriria a dos menores, prejudicando assim a fusão desejavel do côro. Um conjuncto apreciavel e bem equilibrado, em um côro em unisono ou dividido em duas partes (1.° e 2.° vóz), pode-se conseguir reunindo creanças de 9 a 13 annos approximadamente.

Nesse caso, a extensão pratica será razoavelmente esta:



Emfim, numa classe primaria o limite da vóz deve ser fixado na oitava de *dó* da supplementar inferior a *dó* no terceiro espaço da pauta natural, na clave de *sól*, podendo ainda comprehender o *ré* na quarta linha e o *si* do segundo espaço sepplementar inferior.

No curso fundamental, cumpre não ultrapassar as notas *mi* ou *fá* no quarto espaço e quinta linha da pauta natural, na clave de *sól* e o *si bemol* do segundo espaço inferior.

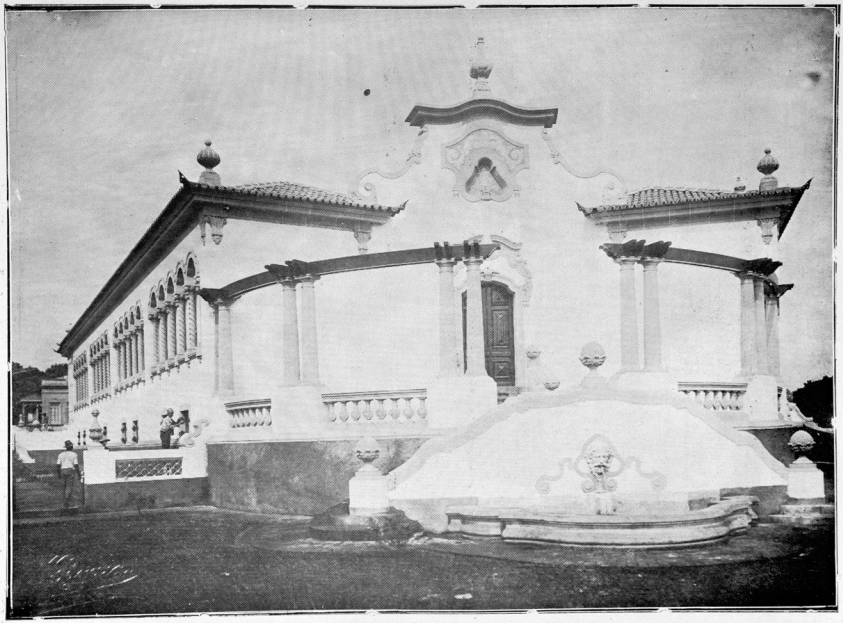
Outros cuidados a observar:

Os meninos devem cantar, quanto possivel, com a vóz natural, livremente, sem esforço.

Para o sêr em evolução, a creança como a planta, a educação, a cultura, deve sêr, de facto, um guia apenas, nunca um motivo de constrangimento, um pezo ou sobrecarga; seja o seu desabrochar dirigido, auxiliado, favorecido, sem entretanto imposições.

Attenda-se sobretudo, numa classe de canto, ao estado geral do alumno, á sua conformação physica, á capacidade de seus pulmões, para não exigir-lhe senão aquillo que está ao seu alcance. Entre

(1) Vide o n. 16 desta Revista, pag. 322.



GRUPO PEDRO II — VISTA LATERAL

dois pequenos da mesma idade, por exemplo, um de compleição forte, dotado de excellentes pulmões, outro franzino, mal conformado, é evidente que o segundo não possuirá o mesmo vigor de vóz do primeiro, e exigir num canto em conjuncto que a sua vóz fraquinha alcance a mesma elevação ou intensidade da dos outros; além de não ser humano, seria provocar um esforço prejudicial em todos os sentidos.

Conclue-se dahi que o menino de vóz fraca não deva cantar? Não. Esse, apezar de suas condições desfavoraveis, cantará sempre, mas com as necessarias precauções, pois o cantar constitue, para todos em geral, optima gymnastica, em beneficio dos orgãos respiratorios, curando até, por vezes, perturbações doentias desses orgãos. Que todos cantem com a mesma espontaneidade com que costumam entoar em sua casa, fóra da aula, suas cantigas, suas canções zinhas predilectas.

Sabemos, por exemplo, que em regra as creanças preferem os tons maiores e os movimentos alegres; que, dos 11 aos 14 annos, é o modo menor o escolhido. Respeitemos essa espontaneidade esthetica, educando-a, sim, e disciplinando-a, sem entretanto forçal-a ou deformal-a mercê de predilecções artisticas quaesquer que possamos ter.

Corrigindo, no tempo opportuno, defeitos de emissão, notas dubias ou indecisas, os sons gutturaes ou os nasaes, alterações de timbre, bem como vicios de pronuncia e de articulação; guiando, emfim, os meninos no aperfeiçoamento progressivo do seu canto, manteremos quanto possivel essa naturalidade indispensavel, fazendo-os ao mesmo tempo comprehender que cantar bem é uma arte e que os estamos exercitando nessa arte.

Não se deve permittir que os alumnos elevem de mais a vóz, fazendo o «CANTO GRITADO».

E' esse, infelizmente, um pessimo habito e muito arraigado, contra o qual com razão sempre se bateram os inspectores regionaes de alguns Estados, notadamente S. Paulo, e que, alem do máo effeito em relação aos ouvintes, muito prejudica os orgãos da vóz, pelo esforço muscular exaggerado.

Que os alumnos cantem antes com suavidade, emittindo sons puramente musicaes, sem forçar a vóz, mas tambem sem deixal-a desfallecer, com rythmo e todavia sem dureza.

Desse modo, elles produzirão uma toada agradavel, as vózes serão claras, harmoniosas, as estrophes bem moduladas, e desapparecerão para o systema nervoso os effeitos da excitação, da irritabilidade e da fadiga, saboreando então a alma a nota acariciadora e doce do canto natural.

Os exercicios de canto devem ser commedidos, não ultrapassando de 8 a 10 minutos.

Além desse limite, será certa a fadiga, em prejuizo do apparelho vocal.

Póde parecer acanhado o tempo. Algumas professoras verificarão, de certo, que no fim desse espaço muitas creanças ainda estarão longe de cantar de modo satisfactorio. Não importa. Mesmo assim, terão aproveitado com o exercicio, sua educação sendo beneficiada, mesmo em relação áquelles que pouco resultado apresentem.

Não se deve permittir tambem que os meninos cantem com roupas que constrinjam o peito ou o pescoço, nem ao ar livre, com vento forte; logo após as refeições; em seguida a exercicios de gymnastica ou marcha, ou em estado de rouquidão ou defluxo.

Tudo isso cumpre ser evitado, pelas más consequencias que pode acarretar.

Os meninos devem cantar de pé, em attitude simples, natural, sem affectação; o corpo firme, a cabeça ligeiramente levantada, como no acto de fallar com uma pessoa da mesma estatura; o olhar dirigido horizontalmente e com expressão natural; os braços cahidos ao longo do corpo.

Nessa posição, de pé, os orgãos vocaes teem um jogo mais livre do que estando a pessoa sentada. A inclinação da cabeça para a frente ou para o lado impede a passagem livre do som, assim como o cruzar os braços sobre o peito ou conservar as mãos nas costas difficulta o funccionamento regular do apparelho respiratorio.

No caso excepcional de cantarem sentados, cumpre evitar que encostem os cotóvellos aos lados do peito, porque isso tambem impede a franca respiração.

Para cantar, devem ter a bocca naturalmente aberta, quasi sorridente, na attitude media da respiração, e sobretudo os dentes descerrados.

Desse modo, a vóz será clara e cheia.

Verdade é que, não sendo igual a conformação da bocca em todos, nem todos podem apresentar na

physionomia essa expressão desejavel de sorriso. O recommendavel é, pois, que, ao cantar, as creanças procurem abrir a bocca o mais naturalmente possivel, conservando esta a forma mais conveniente e favoravel, sem, comtudo, ser demasiadamente aberta, o que emprestaria á physionomia e ao canto qualquer cousa de atoleimado.

Os meninos não devem cantar muito de vagar nem mui o depressa, mesmo quando o genero da musica pareça exigir esse andamento.

O canto vagaroso cansa e aborrece, e a precipitação, habito aliás corrente entre as creanças, vicia a pronuncia e a articulação e prejudica a entoação.

O andamento de qualquer trecho está subordinado ás necessidades da respiração e da expressão, e vem sempre indicado no principio da musica: *largo, lento, larguetto, adagio; moderato, andante, andantino, allegretto; allegro, vivo, presto.*

Os cantos escolares, no geral, estão comprehendidos no movimento medio.

Merece tambem attenção especial numa classe de canto a entoação ou afinação.

A esse proposito, veja-se o que já ficou dito anteriormente, em relação ao ouvido (1).

Apenas accrescentaremos que os cantos não devem conter saltos de entoação difficeis, de genero ascendente ou descendente, como, por exemplo, *dó sol sustenido, si bemol—fa sustenido, sól—ré sustenido* ou ainda os saltos de setima maior ascendente, *dó—si*, e os de setima diminuida descendente, *si bemol—dó sustenido*. Mais: a trama melodica não se deve extender até ao extremo alcance vocal, e sim desenvolver-se sobre notas medias, mais faceis para todos.

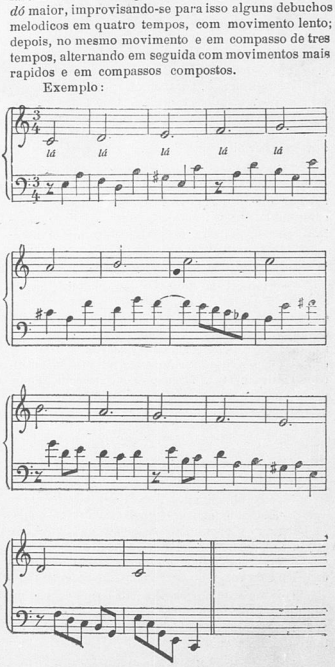
Logo possa a professora distinguir os seus alumnos pelas qualidades ou aptidões vocaes, convém escolher os que possuam melhores predicados de vóz e de entoação e destacal-os para constituirem o primeiro grupo central, no côro.

Em torno desse, collocará os que não sejam tão promptos no apanhar a melodia e cuja vóz necessite adestrar-se mais para cantar com acerto e afinação.

Mesmo que entre elles alguns se mostrem incapazes de tomar parte no côro, essa circumstancia não deve inquietar a professora ou desanimal-a. A experiencia tem demonstrado que, salvo poucas excepções, não é esse um defeito invencivel. Depois de algum tempo de exercicio, essas vózes hão de ajustar-se ás outras; ouvindo e imitando os mais bem dotados, esses que parecem refractarios irão, sob essa influencia, ageitando e concertando a entoação

Um exercicio muito util para despertar nos meninos o sentimento rythmico e a bôa afinação é faze-los cantar acompanhados ao piano, a escala de *dó* maior, improvisando-se para isso alguns debuchos melodicos em quatro tempos, com movimento lento; depois, no mesmo movimento e em compasso de tres tempos, alternando em seguida com movimentos mais rapidos e em compassos compostos.

Exemplo:



(1) Vide Revista do Ensino, n. 15, pag. 221.

GRUPO PEDRO II — PORTA DE ENTRADA

Importa igualmente ter em muita attenção, numa classe coral, a qualidade do som.

De facto, a professora não se deve limitar a obter de seus alumnos sons entoados, mas sim ter ainda em vista que estes sejam sempre, como convem, de conformidade com a indole ou o pensamento do thema musical, isto é: vibrantes, sem degenerar em gritos ou estridores, si é um hymno que vão cantar; doces e suaves, mas não relaxados ou languidos, tratando-se de uma canção mimosa, de um canto acariciador; e, em um, como em outro caso, sem elevações bruscas, sem arrastamentos da vóz, nem enfraquecimentos.

Todo cuidado deve haver tambem para não forçar nos alumnos interpretações destoantes de sua comprehensão limitada.

Imperdoavel seria, senão disparatado, querer provocar no coração dos meninos sentimentos exaggerados ou vehementes, idéas muito elevadas ou subtis; não menos extravangante pretender que as vózes nessa quadra possam exprimir convenientemente taes sentimentos ou idéas.

Evitar, portanto, dar nessas classes composições demasiado elevadas ou grandiosas, vocaes ou instrumentaes (para os exercicios de gymnastica rythmica) é, não somente uma necessidade, mas um dever que se impõe a todo educador.

Taes musicas transformariam, como bem observa o professor G. Varisco, um exercicio util em uma desageitada gymnastica e as mais sublimes creações da arte em uma verdadeira caricatura.

Da bôa e conveniente escolha das composições depende, pois, em grande parte, a perfeita execução dessa parte dos programmas primarios.

Finalmente, ha um periodo no crescimento que requer particular cuidado, periodo durante o qual a vóz soffre uma evolução, denominada «muda da vóz».

Esse phenomeno apparece mais ou menos dos 13 aos 15 annos, sendo mais accentuado nos meninos do que nas meninas.

Nessa idade, como notam os physiologistas, o larynge dos meninos toma um desenvolvimento de quasi o dobro em toda sua dimensão e a vóz desce uma oitava, adquirindo maior sonoridade e timbre viril, ao passo que, nas meninas, geralmente se mantem na mesma altura, mas adquire maior extensão, mais firmeza e timbre caracteristico e definitivo. Nessa phase de transição, em regra as vózes mais puras e limpidas se modificam de dia para dia, tornando-se asperas, desiguaes ou um tanto fanhosas.

Alguns professores aconselham que se afastem os meninos do trabalho do canto nessa occasião, allegando a possibilidade de inflammações das vias aereas, então mais impressionaveis.

A maioria, porém, dos physiologistas, entre elles o já citado Morel de Mackenzie, que dedicou excellentes trabalhos a essas questões de hygiene na arte, asseveram que não ha razão para, durante a mudança da vóz, interromper-se o exercicio do canto; apenas esse exercicio deve ser bem conduzido e realizado com a devida cautela. Si a vóz é oscillante ou incerta, si apparece a rouquidão, etc., convém limitar o canto ás notas medias, e, no caso de se aprosentarem outras manifestações mais graves, então suspender temporariamente o exercicio.

No proximo numero trataremos dos exercicios de respiração, de emissão e de vocalização.

«Nosso ideal educativo não póde ser, sob muitos aspectos, o mesmo de outros povos; e a esse respeito, como a quasi todos, cumpre-nos nunca perder de vista o sabio conselho de Gladstone, segundo o qual os povos precisam, não de leis optimas, porém apropriadas.» — Palavras do Presidente Antonio Carlos no banquete de Barbacena.

Lição de Lingua Patria

Da syntaxe do verbo HAVER

MARIA RITA BURNIER

QUARTO ANNO — SEGUNDO SEMESTRE

A professora dicta, mandando que um dos alumnos escreva no quadro, e os demais em seus cadernos de classe, a seguinte carta:

"Minha Vóvó,

Beijo-te affectuosamente as mãos, pedindo que me abençôes.

Deves ter recebido carta minha, ha dois ou tres dias; venho, comtudo, escrever-te de novo, hoje, a pedido do Paulo, que não o póde fazer, e que te pede perdão por essa falta.

Não ha para elle exames officiaes; por determinação de sua professora, porém, haverá provas escriptas especiaes de lingua patria e de arithmetica.

Paulo anda azafamado. Não haveria exames, e elle, nessa doce certeza, se descuidou de recordar a materia dada e agora, estuda noite e dia !

Assim acontece aos vadios...

Mas tem desculpa o Paulo ! E' tão pequeno para o terceiro anno !

Eu tenho estudado muito, Vóvó, para obter bôas notas, porque sei que, assim, ficarás contente commigo, que isso te dará prazer.

Papae manda dizer-te que irá buscar-te, afim de que, como tanto desejamos, assistas á festa da entrega dos diplomas.

Aqui em casa, haverá, tambem, varios festejos e, bem o sabes, sem a tua presença, não haverá para nós alegria.

Adeus, Vóvó. Papae e Mamãe te abraçam e te pedem a bençam.

O mesmo faz Paulo e a netinha que muito e muito te quer

Lygia".

Profesora — Vamos estudar, hoje, um dos pontos mais importantes do programma: — o verbo haver.

Venha ao quadro, Lucia, sublinhar a primeira phrase formada pelo verbo haver. Qual é ella ?

A. (*sublinhando a phrase*) — Ha dois ou tres dias.

P. — Vejamos mais duas sentenças formadas pelo verbo haver.

(*Signal dos alumnos*).

P. — Venha lel-as e sublinhal-as, Dulce.

A. (*obedecendo*) — "*Não ha para elle exames officiaes por determinação de sua professora, porém haverá provas escriptas especiaes de lingua patria e de arithmetica.*

P. — Agora venha você, João, assignalar mais uma phrase em que entre o verbo haver.

A. (*obedecendo*) — *Não haveria exames.*

P. — Temos, ainda, duas phrases a assignalar. Quaes são ellas ?

(*Signal dos alumnos*).

P. — Venha sublinhal-as, Luiz.

A. (*Obedece*).

P. — Leia essas phrases.

A. (*obedecendo*) — *Aqui em casa haverá, tambem, varios festejos; sem a tua presença, não haverá para nós alegria.*

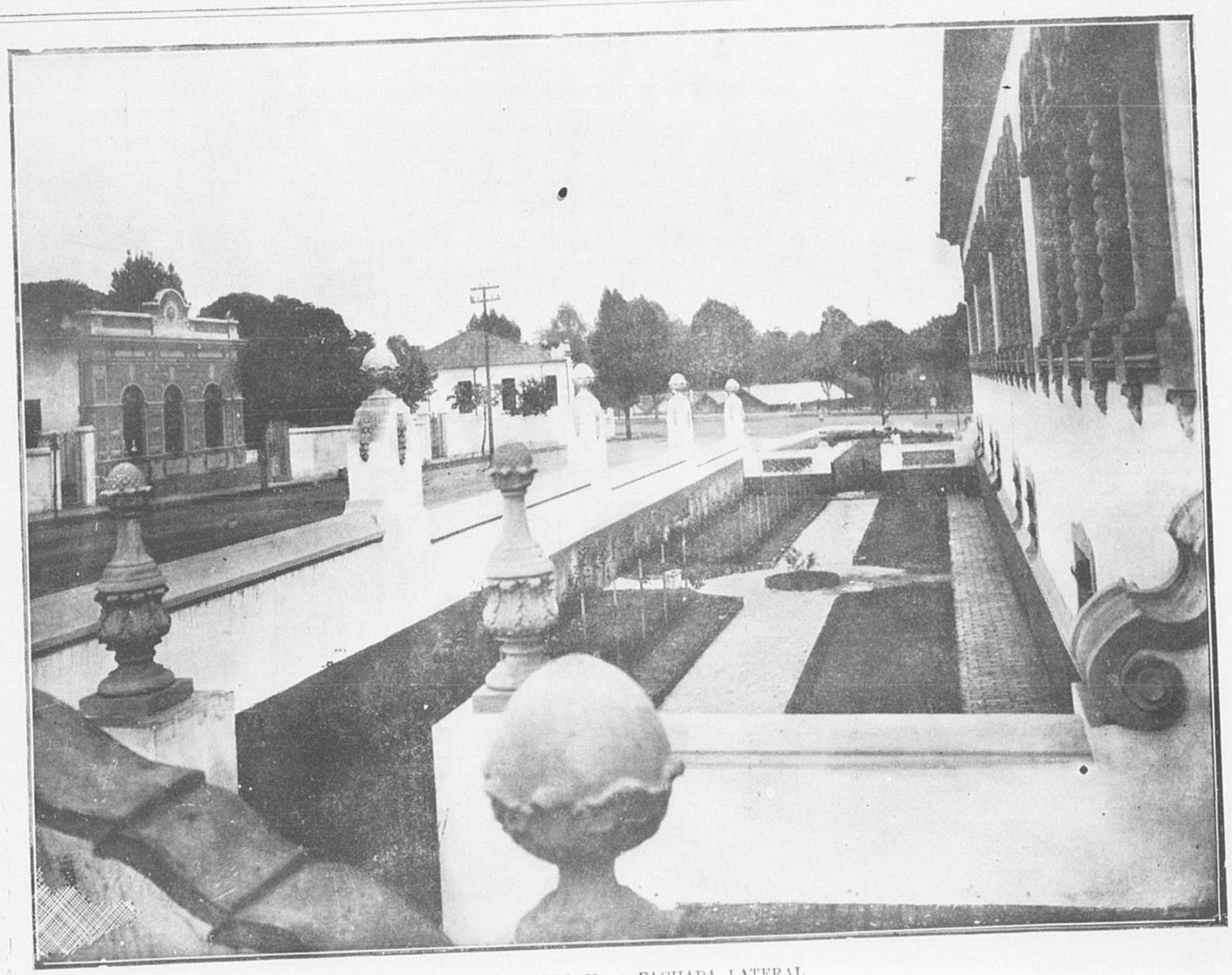
P. — Muito bem. Agora a Lucia vae destacar do dictado e escrever ahi ao lado, no quadro, todas as phrases sublinhadas.

A. (*obedecendo*) — Ha dois ou tres dias. — Não ha para elle exames officiaes. — Por determinação de sua professora, porém, haverá provas escriptas especiaes de lingua patria e de arithmetica. — Não haverá exames. — Aqui em casa, haverá, tambem, varios festejos. — Sem a tua presença, não haverá para nós alegria.

P. — Reparem o seguinte: nem uma vez o verbo haver foi empregado no plural. Apparece, sempre, na terceira pessoa do singular: ha, haverá, haveria.

Isto se dá, porque o verbo haver no seu sentido proprio não tem sujeito: é impessoal e só se conjuga na terceira pessoa do singular.

Nenhuma dessas orações formadas pelo verbo haver tem sujeito.



GRUPO PEDRO II — FACHADA LATERAL

No primeiro exemplo o verbo haver não fórma oração. A expressão — *ha dois ou tres dias* — não é uma oração; é, apenas, um complemento adverbial de tempo. *Ha dois annos, ha quinze dias, havia duas horas,* todas essas expressões são complementos adverbiaes de tempo.

A segunda phrase — *Não ha para elle exames officiaes* — deve ser analysada da seguinte fórma:

Sujeito — indeterminado.

Predicado — Não ha para elle exames officiaes.

Objecto directo — exames officiaes.

Objecto indirecto — para elle.

Complemento adverbial de negação — não.

Da mesma fórma analysaremos as outras sentenças. Como já ficou dito, em todas o sujeito é indeterminado.

Na terceira sentença — *Por determinação de sua professora haverá provas escriptas especiaes de lingua patria e arithmetica* — o objecto directo é — *provas escriptas especiaes de lingua patria e de arithmetica;* assim como na quarta sentença—*Não haverá exames* — o objecto directo é representado pela palavra *exames.*

Quero, agora, que me digam qual é o objecto desta sentença — *Aqui em casa haverá varios festejos.*

(*Signal dos alumnos*).

P. — Diga, Alice.

A. — O objecto é — *varios festejos.*

P. — Bem. E da senteça seguinte: *Sem a tua presença, não haverá para nós alegria* — qual será o objecto ?

(*Signal dos alumnos*)

P. — Responda, Mario.

A. — E' alegria.

P. — E' preciso ficar bem firme isto: *a palavra ou palavras que completam a significação do verbo haver representam o objecto, e não o sujeito.*

No Brasil é muito commum o erro de tomarem o objecto directo como sujeito.

Dizem: *houveram bailes,* fazendo o verbo concordar com o objecto. E' um grave erro esse; o verbo é impessoal e deve ficar invariavelmente no singular. Em vez, pois, de *houveram bailes, haviam rosas, haverão festas,* diremos: *houve bailes, havia rosas, haverá festas.*

Um outro erro tambem muito commum na linguagem popular é a substituição do verbo haver pelo verbo ter: Dizem: tem muita lama na rua; hoje não teve aula; tinha muita gente no cinema; tem logar no bonde ?

São phrases erradissimas. Devemos corrigil-as assim: ha muita lama na rua; hoje não houve aula; havia muita gente no cinema; ha logar no bonde?

Vamos, agora, formar sentenças com o verbo haver. Quero ver si sabem empregal-o com acerto. Pensem.

(*Signal dos alumnos*).

P. — Diga, Martha.

A. — No meu jardim ha rosas muito lindas.

P. — Você, Julio.

A. — Amanhã não haverá aula.

P. — Responda, Carlos.

A. — Hontem houve um baile no Club.

P. — Laura.

A. — Havia muita lama na rua, hoje cedo.

P. — Carmen.

A. — Hoje ha festa no cinema Floresta.

A professora prolongará este exercicio, mandando escrever no quadro as melhores phrases para modelo e as mais erradas para a devida correcção.

«Para que o escolar de hoje actue amanhã como força economica, torna-se mister se lhe facilite o accesso ao ensino technico, objectivando, primeiramente, a agricultura e a pecuaria, nossas industrias fundamentaes, e, em seguida, a manufactura e o commercio.» — Palavras do Presidente Antonio Carlos no banquete de Barbacena.

Em seguida, marcará para casa exercicios variados, versando sobre o ponto explicado: formação de phrases, em que o verbo haver seja empregado em todos os modos; correcção de phrases incorrectas, etc. Na seguinte lição explicará os — CASOS EM QUE O VERBO HAVER SE PESSOALIZA.

P. — Venha ao quadro, Laura, e escreva o que eu vou dictar.

P. (*dictando*).

As meninas se houveram muito bem, durante a visita do inspector.

João e Alberto se houveram mal hontem e perderam muitos pontos em suas notas.

Quando nos havemos mal, quando faltamos com os nossos deveres, não podemos ter alegria.

Nossa professora houve por bem desculpar aquelle menino.

Si houveres que andei mal, perdôa-me.

Os portuguezes naquelle tempo houveram grandes victorias.

As victorias que os francezes houveram, foram notaveis.

Aquelles moços houveram de seus paes excellente educação.

João houve uma grande herança de seu tio.

P. — Já vimos que o verbo haver em seu sentido proprio não tem sujeito, por ser impessoal.

Algumas vezes, porém, é elle empregado em outro sentido. Torna-se, então, pessoal e é conjugado em todos os tempos e em todas as pessoas, como qualquer outro verbo.

Nestas sentenças, (*indicando os exemplos do quadro*), por exemplo, o verbo haver tem sujeito.

Vejamos porque.

Si eu quizesse tirar da phrase o verbo haver, porque verbo poderia substituil-o? As meninas se?

A. A. — Portaram.

P. — Justamente. As meninas se portaram muito bem durante a visita do inspector.

Venha ao quadro, Lygia,. Sublinhe o verbo houveram, sobre elle escreva — portaram e á esquerda da phrase o verbo portar-se.

A professora faz o mesmo em relação ás outras phrases, ficando no quadro o seguinte:

Portar-se { Os alumnos se portaram / houveram muito bem durante a visita do inspector.

Portar-se { João e Alberto se portaram / houveram mal e perderam muitos pontos em suas notas.

Julgar { Nossa professora julgou / houve por bem desculpar aquelle alumno.

Julgar { Si julgares / houveres que andei mal, perdoa-me.

Alcançar { Os portuguezes naquelle tempo alcançaram / houveram grandes victorias.

Alcançar { As victorias que os francezes alcançaram / houveram foram notaveis.

Receber — Aquelles moços houveram de seus paes excellente educação.

Receber — Mamãe houve uma pequena herança de vôvô.

P. — Nas tres primeiras sentenças o verbo haver significa?

A. A. — Portar-se.

P. — Nesta sentença, Lucia, — nossa professora houve por bem desculpar aquelle menino — que significa o verbo haver?

A. A. — Julgar.

P. — E na sentença immediata?

A. A. — Significa, tambem, julgar.

P. — E aqui — os portuguezes houveram, naquelle tempo grandes victorias — que significação tem o verbo haver?

A. A. — Significa alcançar.

P. — Na sentença seguinte, Luiz, qual a significação do verbo?

A. — Significa alcançar.

P. — Diga, Aurora, o que significa o verbo haver nas duas ultimas sentenças.

A. — Significa receber.

P. — Podemos, então, dizer que o verbo haver tem sujeito, quando significa?

(*Apontando os exemplos do quadro*).

A. A. — Portar-se, julgar, alcançar e receber.

P. — Diga, Julia, os casos em que o verbo haver é pessoal.

A. — O verbo haver é pessoal, quando significa portar-se, julgar, alcançar e receber.

(*E' conveniente prolongar esta arguição por alguns minutos*).

P. — Vamos, agora, formar phrases, empregando o verbo haver na sua fórma pessoal. Em primeiro logar, significando portar-se.

(*Signal dos alumnos*).

P. — Diga, Maria.

A. — Aquellas meninas se houveram bem na arguição.

P. — Você, Carlos.

A. — Os operarios se houveram bem no trabalho.

P. — Margarida.

A. — Os meninos se haviam mal e a professora ficava zangada.

P. — Agora, quero o verbo haver significando julgar.

P. — Póde falar, Antonio.

A. — Os professores houveram por bem dar aulas até o fim do mez.

P. — Você, Luiz.

A. — Os generaes houveram por bem recompensar os soldados que procederam bem.

P. — Forme uma sentença empregando o verbo haver no sentido de alcançar, José.

A. — Os alumnos houveram este mez excellentes notas.

P. — Carlos.

A .— João, este mez, houve o primeiro logar no concurso.

P. — Vamos empregar o verbo haver no sentido de receber.

(*Signal dos alumnos*).

P. — Responda, Sylvia.

A. — Aquelles soldados houveram elogios de seus generaes.

P. — Marcello.

A. — Mamãe houve uma pequena herança de vôvô.

P. Então, Carlos, vamos repetir os casos em que o verbo haver é pessoal.

A. — O verbo haver é pessoal quando significa portar-se, julgar, alcançar e receber.

P. — Ainda não falamos sobre o verbo haver empregado como auxiliar, na formação dos tempos compostos dos outros verbos. Neste caso, corresponde ao verbo ter, e é pessoal: Nós havemos estudado.

Elles tinham feito os exercicios. Tu havias perdido teu livro.

P. — Bem, tomem nota do exercicio para casa.

Escrever tres sentenças, empregando o verbo haver impessoal.

Escrever tres sentenças, empregando o verbo haver com a significação de portar-se.

Escrever tres sentenças, empregando haver por julgar.

Escrever tres sentenças, empregando haver por alcançar.

Escrever tres sentenças, empregando haver por receber.

NOTA PARA O PROFESSOR. — *O verbo haver no seu sentido proprio, sinifica ter, possuir, em relação ao seu objecto directo.*

Querem alguns grammaticos que o verbo haver signifique existir. Analysam estas phrases: — ha festas, havia rosas, haverá recepções — desta fórma: existem festas, existiam rosas, existirão recepções. Neste caso, o verbo haver deixaria de ser impessoal; assumiria sujeito — festas, rosas, recepções.

E restava a extravagante anomalia da falta de concordancia.

O verbo haver corresponde ao "avoir", francez, e na dialectação lusitana, encontramos varios exemplos do verbo haver seguido do adverbio hi:

Si peste não fosse todos os meus erros
Não conheceriam que hi havia.

(*Luziadas*)

Não ha hi cousa tam encuberta,
Não ha hi quem me soccorra ?

(*Chronica do Condestavel. Lisboa*).

Hi havia / Hi ha } fórma analoga de { Il y avait / Il y a

E não só no francez, mas ainda no italiano e no hespanhol encontramos fórmas similares:

Ha quindice giorno
Diez annos ha

(J. Ribeiro. Diccionario Grammatical)

Acceitamos, pois, como melhor interpretação, a que dá ao verbo haver a significação de ter, possuir, embora implicando uma leve noção de existencia.

«Preciso salientar a verdade sabida de que a religião constitue factor maximo para a formação e o aperfeiçoamento do caracter individual?» — Palavras do Presidente Antonio Carlos no banquete de Barbacena.

Claudio Manoel da Costa

Controversias a respeito da causa de sua morte. Diversas opiniões de historiadores.

LUCIO JOSÉ DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO)

Na sua carta, diz o dr. Heredia: Claudio Manoel tem sido calumniado pelos escriptores. Claudio Manoel não commetteu o crime, como elles dizem, de suicidar-se, sua alma era muito grande e nobre para praticar semelhante cobardia. Claudio Manoel foi assassinado na cadeia, sabemol-o de fonte limpa e por testemunho insuspeito." ("Gazeta de Campos", n. 76, de 21 de dezembro de 1876).

Perguntando o Auctor ao dr. Lecioso, sobrinho da fallecida senhora e criado na casa da mesma, confirmou este a asserção e disse que "tanto quanto póde se recordar, pois era nessa epocha muito criança", sua Tia, que era filha do fidalgo portuguez, dissera que Claudio fôra envenenado. Isso mesmo suspeitavam o Visconde de Porto Seguro, o Conego Januario Barbosa e Ferdinand Denis.

Essa narração, continúa Teixeira de Mello, concorda com a soffreguidão como se suicidou Claudio, trazendo a suspeita de que a verdade historica tenha sido adulterada. Talvez tivesse sido o depoimento forjado e a assignatura arrancada a Claudio "para em seu nome culparem os outros implicados no levante ou extorquirem-lhes com mais segurança confissões que não deviam ou não tinham querido ahi então fazer." A retratação que vem no final do depoimento de Claudio é degradante e não se coaduna com o seu caracter. Talvez fosse indispensavel o silencio absoluto de Claudio e que temessem que elle rectificasse as suas respostas. "Porque não fôra elle interrogado com as formalidades da lei, como o tinham sido todos os demais, de modo que ficou o depoimento injuridico e, portanto, nullo, como o declara o proprio desembargador Coelho Torres nas suas informações ao Vice-Rei?"

O dr. Heredia não diz qual dos dous peritos é o Paracatu', pois elles eram dous — Caetano José Cardoso e Manoel Fernandes de São Thiago.

Alguns se inclinaram a dizer que o desapparecimento de Claudio era inutil (*), e que elle teria de expiar o seu crime como outros mais elevados, e que essa pena infamante era agradavel aos inimigos do poeta. "Mas não estariam alguns delles tão altamente collocados na administração da justiça, que soubessem que só para Tiradentes não seria commutada a pena ultima? Não poderiam elles saber que a charta de perdão da rainha teria de lavrar-se ou já o havia sido; pois tiveram o animo de conservar em segredo a referida charta por dous longos annos, deixando que os miseros inconfidentes, a quem ella aproveitava, ignorassem até a ultima a sua existencia, gozando elles desse modo do sinistro prazer de verem os desgraçados passarem antecipadamente e a todo o momento pelas torturas sem nome de uma morte esperada, degradante e horrosa?" Si o depoimento de Claudio é verdadeiro, elle estava alienado. Mas não: arrancaram-lhe uma confissão que não estava no seu caracter. Elle tinha contra si muitos que feriria com as suas satyras ou invejosos das suas luzes. Em conclusão — Claudio foi assassinado.

No "Brasil Pittoresco", pg. 69, diz Charles Ribeyrolles que Claudio se suicidou, mas como morreu na noite e na sombra, por ser o mais criminoso e compromettido, não acreditaram na sua morte por suicidio, e augmentaram o crime dos dirigentes do paiz, attribuindo-lhes um assassinato. Mas, Ribeyrolles falla como artista e poeta.

Teixeira de Mello consultou o dr. A. J. de Mello Moraes e este publicou artigos no "Globo" de 7 e 13 de março (1877). Mello Moraes refere-se aos documentos que publicou no "Brazil-reino" e "Brazil-imperio", e diz que, segundo lhe affirmára o dr.

(*) Mais interesse na morte de Claudio deviam ter os que elle denunciou: diz com razão J. Norberto.

GRUPO PEDRO II — SAGUÃO E ENTRADA DO SALÃO NOBRE

Americo Urzedo, natural de Villa Rica, este ali ouvira fallar que Claudio fôra assassinado.

O dr. Mello Moraes, porém, pensa que Claudio, horrorizado e abatido, se suicidou. Claudio, diz elle, não era o vulto principal; havia Gonzaga e Alvarenga. Assim, não dá credito á "lenda do cirurgião Paracatu'". Affirma ainda o dr. Mello Moraes não ter encontrado o nome de Francisco Moreira de Sá entre os fidalgos que acompanharam D. João VI ao Brasil.

Em resposta ao dr. Mello Moraes, publicou alguem, sob o pseudonymo de "Mineiro" (*) alguns artigos no "Globo", de 8 e 17 de março, em contradicta: Diz que Claudio, velho, doente, tendo sahido da cama onde estava atacado de rheumatismo, poderia ter sido morto pelo proprio carcereiro, sem que ninguem ouvisse. Diz que muitos nomes de fidalgos que vieram com D. João VI, figuravam na lista, assim frei Antonio de Arrabida, depois bispo de Anemuria, confessor do rei; padre Joaquim Damaso, bibliothecario.

O "Mineiro" analysa o auto de corpo de delicto. "O cadaver estava *em pé*, encostado a uma prateleira com um joelho firme a uma taboa della, *com o braço direito fazendo força* em outra taboa, na qual estava passado o baraço que o asphyxiára. (**) Em pé, porque a prisão da corda não tinha altura para que o peso do corpo produzisse o estrangulamento. O braço direito erguido, *fazendo força na taboa em que prendera o baraço*, portanto acima da cabeça. Logo, a posição do braço era vertical, empurrando para cima a taboa com o fim de esticar a corda. Colloque-se qualquer nessa posição, e diga em sã consciencia si antes da asphyxia completa, no proprio momento de perder os sentidos, não lhe havia de cahir o braço pelo proprio peso e conservar-se inerte ao correr do tronco.

Mas, o corpo de delicto feito horas depois da morte, ainda encontrou o *braço direito erguido, fazendo força*, isto é, empurrando para cima a taboa em que estava preso o baraço! Como se denuncia o crime! Tal documento foi imposto ao terror de quem o assignou pelos executores da alta justiça d'ElRei. E o despropositо que asseveram querendo tornar verosimil o suicidio, foi permittido pela divina providencia, para que o attentado comparecesse, como comparece, perante a Justiça da Historia." (***)

A tradição do assassinato vem dos primeiros dias da conjuração. Jorge Benedicto Ottoni, quando em 1821 mandou arrazar o monumento de infamia, erguido no local da casa de Tiradentes, convivia com o padre Manoel Rodrigues, de Barbacena, e com outros compromettidos e contemporaneos da Inconfidencia, dos quaes recebeu a tradição do assassinato. Existiam filhos de Jorge B. Ottoni que ouviram delle isso mesmo.

Americo Urzedo, já adolescente em 1789, contou essa mesma versão a Mello Moraes.

Francisco Ribeiro de Andrade, homem conceituado em Ouro Preto, e que morreu em edade muito avançada, militava no regimento de cavallaria de Minas, e fazia parte da guarda da prisão no dia 3 de julho de 1789, que precedeu a morte de Claudio. Era este um regimento onde assentavam praça os filhos das melhores familias. Diz esse militar que, no dia 3, a guarda, de que elle fazia parte, foi retirada ás 6 horas da tarde sem que se allegasse motivo, ficando confiada aos soldados da policia. Elle e seus companheiros ficaram na crença de que isso fôra preparativo para a execução da noite. (****)

III — Na Revista do Archivo Publico Mineiro, Anno II, Fasciculo III, junho-setembro, de 1897, pags. 536-538, publicou o dr. Fernando Lobo um artigo sobre a morte de Claudio Manoel da Costa.

"O povo, porém, sempre desconfiado, nunca acreditou no suicidio, que não foi, na sua opinião, senão um meio de encobrir o assassinato."

O Conego Brito, numa publicação que fez no "Movimento", a 17 de março, 1890, refere que, ainda em 1838, corria em Ouro Preto o seguinte: Chamado o cirurgião-mór do corpo militar para examinar o cadaver do poeta, encontrou profundas incisões por instrumento perfurante na região dorsal, e fingiu-se doudo para não mentir á sua consciencia, nem desagradar o governador." Cita tambem o Almanack de Minas, de 1864.

Nas suas *Explorations of the Highlands of the Brazil*, pag. 350, Burton confirma essa versão, dizendo "que o poeta foi removido da prisão em que estava para um cubiculo em baixo da escada da Ca-

(*) Xavier da Veiga diz ser Christiano Benedicto Ottoni, março de 1877.

(**) *Auto de corpo de delicto.*

(***) Os gryphos são todos do original.

(****) *Annaes da Bib. Nac.*, vol II, 1876-1877, pags. 209-246.

sa dos Contos (onde fez-se o corpo de delicto, funcciona hoje a thesouraria de fazenda); que mudou-se a guarda, seguindo-se logo o assassinato pelos soldados; que o vigario Vidal era tio-avô do senador Teixeira de Souza e fôra auxiliado na exhumação do cadaver de Claudio pelo escravo Agostinho e outro; que a tia Monica, parteira, passava em frente á Casa dos Contos após o assassinato e viu dous soldados arrastarem o corpo do poeta que, por sua estatura, facilmente se reconhecia."

O distico escripto com o sangue nunca veiu a lume.

IV — Ha, finalmente, uma outra versão, que sei adoptada pelo distincto historiador mineiro, dr. Diogo de Vasconcellos, segundo a qual o dr. Claudio Manoel da Costa não morreu na prisão da Casa dos Contractos, pelo suicidio, nem pelo assassinato. Morreu de morte natural, tranquillamente, na sua fazenda da Vargem do Itacolomy. Alta noite, foi o poeta retirado da prisão e conduzido áquelle sitio. Pessoas houve que viram alguns soldados ajudando a caminhar, pelas ruas silenciosas de Villa Rica, o poeta, alquebrado e doente. Não julgaram perigoso o velho poeta; respeitaram a sua edade e os seus serviços, e deixaram-n'o morrer tranquillo, no silencio e no segredo, em sua fazenda.

(*Continúa*)

O desenho no terceiro anno

O desenho no curso primario é um poderoso elemento para desenvolver a observação, a intelligencia e o bom gosto.

EMILIA TRURAN

O ensino de desenho no curso primario é o principal elemento para desenvolver a observação, a intelligencia, o bom gosto, etc. Deve ser utilizado em todas as disciplinas, como meio intuitivo; no estudo de lingua patria, illustrando as lições; no de arithmetica, facilitando o raciocinio com os graphicos; no de geographia, esboçando os paizes, estados, etc.; no de sciencias naturaes, desenhando as plantas, e os animaes.

O DESENHO DO NATURAL E COMPOSIÇÃO DECORATIVA

A professora, apresentando aos alumnos um ramo de café, explicar-lhes-á que é um dos principaes productos do nosso paiz; depois de ter chamado a attenção para a disposição das folhas, dará o tempo necessario para o representarem graphicamente. Durante o trabalho, percorrerá a classe, fazendo observações dos erros mais graves (fig. 1).

Na aula seguinte a professora orientará as creanças, para a formação de uma barra baseada no desenho anterior (fig. 2 e 3).

Elogiando os melhores desenhos, mostrará a sua utilidade na ornamentação de uma sala de jantar em logar de modelos contendo fructas de outros paizes.

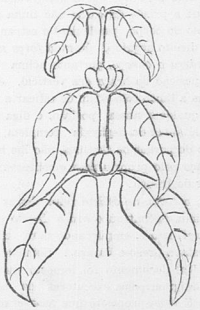


Fig. 1

Levando o espirito da creança a apreciar o que é nosso, auxiliará o desenvolvimento do nosso grande e prospero paiz.

Para despertar maior interesse, a professora

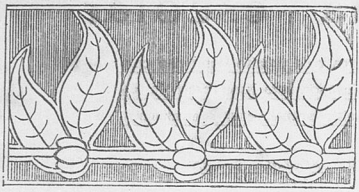


Fig. 2

deverá pedir aos alumnos que levem modelos, os quaes devem ser aproveitados para formar novas barras que poderão ser utilizadas em trabalhos manuaes, decoração de casa, cadernos, etc.

OBSERVAÇÃO VISUAL

No 3° anno continuam os estudos das mesmas fórmas do 1° e 2° annos, começando porém a proporcionar, isto é, a medir com o lapis as duas dimensões principaes: comprimento e largura. Nos 1°s. exercicios essas dimensões devem ser iguaes para facilitar o alumno, depois uma será a metade da outra.

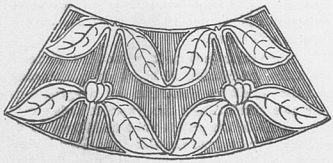


Fig. 3

Collocado o modelo, a professora ensinará a segurar o lapis para tomar as medidas (fig. 4).

Fig. 4

Mandará em seguida fazer a extremidade do lapis coincidir com a parte mais alta do objecto, levantando ou descendo depois o dedo pollegar até que apanhe a parte inferior do mesmo.

Faz-se em seguida a observação da largura. Devem ser verificadas as medidas.

A professora deverá tambem, chamando a attenção para as curvas, dar a noção de linha do horizonte, a qual poderá ser dada do seguinte modo :

A professora pedirá aos alumnos que colloquem sobre a carteira os seus copos ou canecas chamando a attenção para a curva da bocca, depois mandará collocar debaixo do copo um, dois ou tres livros, até que observem todas as deformações da curva (figs. 5, 6 e 7).

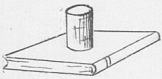


Fig. 5

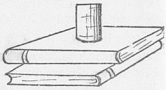


Fig. 6

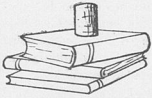


Fig. 7

Obtidos esses conhecimentos, o alumno poderá fazer com mais facilidade e perfeição os seus exercicios.

Os desenhos de imaginação continuam neste anno, sendo maior o numero de scenas do que nos annos anteriores.

> Qualquer que seja o aperfeiçoamento que se consiga na disseminação do ensino primario, o esforço será incompleto si não se adoptar, como objectivo principal na escola, a formação do caracter da mocidade.» — Palavras do Presidente Antonio Carlos no banquete de Barbacena.

Disciplina escolar

Para formar a alma da creança é preciso observal-a com sympathia. Não tema o educador, para isso, descer de sua cathedra e confabular, amistosamente, com seus alumnos.

MARIA LUISA DE ALMEIDA CUNHA

Chegou-me por estes dias um bilhetinho pedindo minha opinião sobre alguns pontos de disciplina escolar.

Não foi pequeno meu prazer ao recebe-lo. E' mais um indice do que tem conseguido a *Revista do Ensino* animando, incentivando, diffundindo pelo nosso grande Estado as luzes indispensaveis ao progresso nos methodos de educar.

Não importa que seja muito reduzida (segundo revelam interessantes estatisticas) a porcentagem de vocações verdadeiras para o professorado desde que todos se armem de boa vontade e consciencia para exercer essa nobre profissão a que, talvez, circumstancias muito prementes os tenha impellido.

Precisamos sacudir o espirito de scepticismo que esfria as melhores iniciativas, abandonar a rotina e por nossa vez aproveitar o vasto campo de experimentação que se nos antolha em nossas escolas.

Realmente grande numero de circunstancias vae dia a dia aggravando o problema da disciplina:

1.° — o augmento da população escolar;

2.° — a falta de selecção;

3.° — alheiamento do educador ao estado psychico do alumno;

4.° — o espirito subversivo de nossos dias.

Si não temesse tornar-me enfadonha indicaria ainda outros obices á disciplina: mas estes bastam para o estudo ligeiro a que me proponho.

Desde que os nossos regulamentos não autorizem ainda (pois espero que de futuro o façam) o desdobramento das classes muito numerosas que ha de fazer a professora?

A psychologia da criança tratada de per si já não é a mesma quando em classe. Ahi se altera sob a influencia do meio. Isto complica bastante o trabalho do educador.

O espirito de colleguismo é muito desenvolvido nas crianças; basta observar a revolta que lhes causa a delação. O collega que faz queixas é sempre antipathizado.

E' por isso condemnavel o systema de nomear *fiscaes* os alumnos bem comportados. Este processo, pela irritação que desperta, vae minando o espirito de solidariedade que, bem canalizado, é um elemento valioso para a boa disciplina, e o alumno arvorado em fiscal inevitavelmente se envaidece. Será então aconselhavel que a professora distribua, em classe, os logares de seus alumnos collocando os applicados ao lado dos indolentes; os calados junto dos tagarellas, tendo previamente o cuidado de estimular esses «bons» a que deem o bom exemplo, incitando-os a se manterem no caminho recto como collaboradores da ordem e mantenedores da boa reputação da turma.

Tenho empregado muitas vezes esta tactica com resultados satisfatorios. Já houve quem lembrasse organizar as classes numerosas em sub-grupos de 10 a 15 alumnos. Esses sub-grupos tomariam cada um o nome de um grande vulto da historia ou da sciencia. Por exemplo Oswaldo Cruz, João Pinheiro, etc. No fim de cada mez seria concedida uma recompensa ao grupo cuja média de notas fosse mais alta. A idéa é engenhosa por que se estimulam as crianças mutuamente e para corrigir os inconvenientes de rivalidade permutariam mensalmente os alumnos dos varios grupos.

Ha muitas opiniões contrarias ao systema de dar premios allegando que só servem para alimentar a vaidade e a inveja.

Não sou tão pessimista assim!

Indispensavel é que o premio seja conferido com toda justiça; que seja premiado o que *merece o premio* e não o que precisa ser premiado. Para

GRUPO PEDRO II — INTERIOR

evitar a comparação continua entre os alumnos, que a muitos pode desanimar, o estimulo dos graphicos geralmente interessa.

O proprio alumno o construirá observando a curva de seu aproveitamento.

Terá o alumno para isso um pequeno caderno de papel quadriculado e mensalmente a professora os revistará escrevendo nelles uma palavra de animação incitando a subir os que teem o graphico em descida e a subir mais os que estão em curva já ascendente.

Será muitas vezes penosa essa tarefa supplementar para a professora; mas certamente ha de colher resultados muito animadores.

A professora deve obter de seus alumnos a promessa de mostrarem sempre essas cadernetas aos paes. E' um meio de attrair-lhes o interesse e a collaboração para que sejam bem educados os seus filhos.

A professora deve, entretanto, evitar o espirito de exclusivismo, pois aliena com isso grande somma de recursos para o bom exito da disciplina.

O alheiamento do educador ao estado psychico do educando decorre, em grande parte, dos dois primeiros obstaculos indicados, porque difficultam muito o conhecimento individual dos alumnos. Mas, ha outro motivo ainda que entrava seriamente os trabalhos da educação. Nasce elle de uma comprehensão erronea da autoridade.

Para muitos, autoridade é synonymo de rispidez, inaccessibilidade, dureza no trato.

Acham que o alumno deve ser sempre tratado á distancia, friamente.

Como isso denota pouco conhecimento da alma infantil naturalmente expansiva e sensivel!

Para formar a alma da creança é preciso observal-a com sympathia.

Não tema o educador, para isso, descer da sua cathedra e confabular, amistosamente, com seus alumnos. Só assim lhes ficará conhecendo as preferencias e os sentimentos pelos quaes deverá appellar em caso de necessidade. Não se amesquinhará por isso, de modo algum a autoridade.

Não queira o educador se impor a seus alumnos como isento de defeitos, mas antes como quem os tendo *sabe se dominar*. . .

Espanta muitas vezes a argucia com que as creanças perscrutam, nos mestres, essa força moral do dominio sobre si! . .

Quem educa precisa a todo custo evitar os rompantes e só reprehender, quando estiver perfeitamente tranquillo.

A reprehensão *feita a frio* impressiona muito mais!

Só a experiencia e o tacto indicarão com segurança á professora o roteiro a seguir. Entretanto seja qual fôr a pedagogia que adopte, seja a do *self-control*, da autonomia, das responsabilidades, da confiança, nunca perca de vista que o conhecimento individualizado dos alumnos, a bondade e o dominio sobre si são os principaes elementos para alcançar a disciplina indispensavel ao trabalho intellectual.

Como antidoto á tendencia hodierna para a indisciplina tenho sempre presente ao espirito uma comparação lida de Fr. Foerster no seu admiravel manual de pedagogia «Schule und Charakter». — Contam-nos — diz o grande pedagogo — que Frei Angelico rezava sempre antes de segurar seus pinceis para pintar as formas celestes. Com tanto melhor razão não deveremos nós rezar ao tentar a formação de homens vivos? E' mister nos purifiquemos de nossas imperfeições mais occultas para podermos appellar pelos mais puros sentimentos da creança; é preciso que nos recolhamos e nos unamos á verdade divina, para que a nossa palavra attinja, nesses corações juvenis, o elemento divino.

Sem duvida parecerão estas palavras muito insipidas ao racionalismo de nossos dias. Mas é certo que não poderemos fazer obra valiosa de educação sem elevar sempre nossas aspirações ao Ideal Supremo de toda a formação moral, sem nos submettermos alegremente á autoridade, como exigimos das creanças.

O lemma tão conciso de Dom Bosco «Ora et labora» tem para o educador um significado mais profundo do que para qualquer outro profissional.

Sem elevação da alma não ha trabalho proficuo nem educação efficiente pois que essa grande obra se tece toda de muita paciencia e inabalavel idealismo!

Genealogia de Marilia de Dirceu por linha paterna

THOMAZ BRANDÃO

(CONTINUAÇÃO)

IV

Eis o caso: soldados que estavam patrulhando, prenderam e conduziram á presença de Balthazar alguns negros, em cujo poder haviam encontrado sete vintens de diamantes. Coração brando e magnanimo, considerou elle que entregar aquelles miseros mortaes á nequicia do sanhudo intendente, só por causa de sete vintens de diamantes, seria um crime de lesa-humanidade, um acto de abominavel comparticipação nas torturas que iriam irremissivelmente soffrer. Como convinha, porém, proceder? Deixal-os ir em paz com os diamantes confiscados, faltaria ao dever de sua missão; revogar a prisão e reter comsigo os diamantes, embora de insignificante valor, repugnava á sua dignidade. O unico alvitre que lhe pareceu acceitavel, foi soltar os detidos, e enviar os diamantes ao intendente, communicando-lhe todo o occorrido. Foi o que fez: soltou-os com a condicção de abandonarem imcontinente a Serra, sob pena de serem outra vez presos, si fossem alli encontrados. De tudo deu conta ao intendente, assumindo inteira responsabilidade de seu acto, sem cogitar das consequencias que podiam delle resultar.

Obcecado pela malvadez, não dispunha o intendente de serenidade para aquilatar um acto que sobre ser humanitario, não revelava a menor sombra de má fé, visto que lhe haviam sido enviados os diamantes aprehendidos. Inclinado sempre para o mal, mandou logo abrir rigorosa devassa contra Balthazar Mayrink, e o denunciou á directoria de Lisboa como cumplice de contrabando. Ao governador da Capitania deu igualmente sciencia de quanto havia occorrido, e das providencias ordenadas para punição do supposto culpado.

Luiz da Cunha Menezes, informado de tudo, mandou substituir Balthazar no commando do destacamento pelo capitão José de Souza Lobo e Mello, auxiliado pelo alferes José da Silva Brandão. Balthazar em obediencia á ordem que recebera por officio de 11 de novembro de 1786, recolheu-se logo ao quartel de seu regimento, em Villa Rica, onde aguardou o resultado da devassa contra si aberta. Nada se havendo apurado que o compromettesse, nenhuma pena soffreu.

Em 1787, foi reformado, e desde então tendo se dedicado á lavoura, passou a residir com sua segunda mulher D. Maria Magdalena de S. José (10) na fazenda do Fundão das Goiabas, de sua propriedade, sita na freguezia de Itaverava (11), a poucas leguas de Villa Rica.

V

Quando Balthazar Mayrinck enviuvou, todos seus filhos estavam em tenra idade. Dorothéa, que era a primogenita, tinha nove annos incompletos. (12)

Decorridos os primeiros dias de luto, passou elle a morar com seus cunhados na *Casa Grande*. D. Thereza Mathilde e D. Catharina Leonor, que se conservavam solteiras, e já haviam ultrapassado a idade dos quarenta, tomaram a si a creação e educação dos sobrinhos. Consolavam-se da morte prematura da irmã, rodeando de cuidados e carinhos os infelizes orphãozinhos, que o destino lhes entregára como filhos adoptivos. Dotadas de espirito elevado e de grande bondade de coração, souberam cumprir abnegadamente seu arduo encargo, educando-os á sombra da religião catholica, a que se devotavam com entranhado fervor. Além do ensino adequado ás necessidades da vida pratica, desvelaram-se em

---

(10) O capitão Balthazar tinha trinta e nove annos, quando enviuvou. Contrahiu segundas nupcias não sabemos onde, nem quando, a despeito de pacientes pesquisas.

(11) Chama-se actualmente fazenda do Mayrink, nome por que é conhecida, e pertence aos herdeiros do coronel Egydio de Andrade.

(12) O assento de baptismo de Dorothéa, não menciona o dia de seu nascimento, e não se conhece documento algum que suppra tal omissão. Sobre este ponto é tambem muda a tradição. Ha, porém, razões que geram a convicção de ter ella nascido em 4 de Outubro de 1767. Expômol-as no capitulo XIII.

lhes infundir os mais são principios, a par dos mais nobres sentimentos. Balthazar Mayrink quasi nenhuma influencia exerceu sobre a educação dos mesmos, visto que tendo se dedicado á vida militar logo depois de viuvo, andava quasi sempre afastado de Villa Rica, no desempenho de diligencias que lhe eram incumbidas.

Foi, pois, sob a protecção benefica de suas virtuosas cunhadas que seus filhos cresceram e foram educados.

VI

Das filhas de Balthazar Mayrink a primeira que se desprendeu da companhia das tias foi Anna Ricarda, que se casou com o tenente Valeriano Manso da Costa Reis, filho legitimo do Dr. Manoel Manso da Costa Reis, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Clara Maria de Castro. (13) Tinha ella então dezoito annos annos de idade. O casamento foi effectuado na capella do palacio, a 26 de novembro de 1788, (sabbado) sendo testemunhas o governador geral da capitania, D. Luiz Antonio Furtado de Mendonça, visconde de Barbacena, e D. Frei Domingos da Encarnação Pontevel, bispo de Marianna. Por esse tempo Balthazar Mayrink já estava reformado (14), e morava em sua fazenda, em Itaverava.

Ao casamento de Anna Ricarda devia seguir o de Dorothéa, que já era noiva de Gonzaga. O contrario, porém já estava escripto no livro de seu malfadado destino. *Dis aliter visum.*

Emerenciana que contava então quatorze annos, só veio casar em 1817, como veremos mais adiante.

José Carlos Mayrink da Silva Ferrão, terceiro filho do casal, foi baptisado a 6 de janeiro de 1772, como já ficou dito. O assento de baptismo não menciona a data de seu nascimento, o qual provavelmente se deu em fins de 1771. Oliveira Lima o dá como nascido em cêrca de 1783. (15) E' um erro que, embora sem importancia, rectificamos aqui. Assignava-se *Silva Ferrão*, appellido avoengo por linha materna, para differençar-se talvez de um sobrinho que tinha o mesmo nome.

Muito moço ainda, foi para o Rio de Janeiro a completar seus estudos iniciados em Villa Rica, seu berço. Alli, antes dos trinta annos, teve a fortuna de captar a sympathia e a amizade de Caetano Pinto de Miranda Montenegro, varão insigne e alumiado, o qual tendo sido nomeado governador de Matto Grosso, o levou como seu secretario por lhe merecer inteira confiança (16).

Em 1802, Caetano Pinto, estando ainda á testa do governo daquella remota capitania, foi nomeado governador de Pernambuco, para onde segiu juntamente com José Carlos, que ia continuar a servir no dito cargo. Em Pernambuco, dizem que por influencia de seu protector, «casou com uma rica, nobre e virtuosa senhora, filha do opulento e honrado João Antonio Gomes». (17), da qual teve filhos.

No exercicio do cargo de secretario foi injustamente colhido na rede da revolução de 1817, em consequencia de sua bondade para com alguns dos revolucionarios. Tendo a alçada mandado prendel-o, conseguiu fugir para a cidade de Paris, d'onde não voltou senão depois do decreto de amnistia geral. Como este, porém, lhe não aproveitava, foi preso por ordem da alçada, e só recuperou a liberdade depois da revisão de seu processo, que o declarou innocente.

Da extensissima nota que lhe consagra Oliveira Lima na obra aqui citada, seja-nos relevado transcrever os seguintes topicos:

«Coronel de cavallaria das milicias do Cabo, cavalleiro de Christo, dotado de bellas maneiras, muito insinuante, gosava José Carlos Mayrink da estima geral pela sua intelligencia, zelo administrativo e rectidão de caracter. Devia ser ao mesmo tempo que recto, bondoso; pois que, quando foi denunciado como conspirador o padre João Ribeiro, seu amigo dedicado, o secretario do governo quiz muito que elle se retirasse para escapar á prisão,

---

(13) Livro nº 1 de assentos de casamentos da matriz de Ouro Preto, fls. 150, v.

(14) Arch. Pub. Min. Livr. 469 de receita e despesa.

(15) Oliveira Lima, nota XLIX á Historia da Revolução de Pernambuco, em 1817, pelo Dr. F. Muniz Tavares.

(16) Caetano Pinto de Miranda Montenegro, doutor pela universidade de Coimbra, serviu diversos cargos no Brasil, no periodo colonial, e em 1822 fez parte dos gabinetes do Principe Regente D. Pedro, primeiro como ministro da fazenda e depois como minstro da Justiça. Era commendador de Christo, e, proclamado o imperio, foi agraciado com o titulo de visconde e logo de marquez da Villa Real da Praia Grande. Falleceu em 1827 como senador pela provincia de Matto Grosso, e tão pobre e honrado, conforme viveu e governou, que D. Pedro mandou pagar as dividas que deixou. Olivera Lima, obra citada, nota VII.

(17) Apontamentos biographicos deixados pelo visconde de Ourem no seu archivo depositado no Instituto Historico, e citados por Oliveira Lima, em sua nota XLIX á Historia da Revolução de Pernambuco, em 1817, pelo Dr. F. Muniz Tavares.

e offereceu-lhe mesmo dinheiro para isso. Passou-se o facto quando o padre foi a palacio fallar-lhe das medidas de repressão que era notorio iam ser tomadas».

«Não assistiu o secretario do governo ao conselho do dia, que foi secreto: elle era brasileiro e os generaes, portuguezes. Caetano Pinto ouvia-o, porém, mais do que ouvia os generaes.»

.....

«Membro da junta consultiva de março de 1821, e depois da junta constitucional, coube a Mayrink installar na provincia de Pernambuco, por ordem das Côrtes, a primeira junta liberal, contra a qual se manifestára a principio, assignando a representação de 8 de junho de 1821 em favor da administração de Luiz do Rego. Era esta sua sina. Em 1824, foi nomeado presidente de Pernambuco, depois de aberta a lucta entre Paes Barreto e Manoel de Carvalho, na qualidade de desempatador, como agente de uma transacção politica. Exerceu esta presidencia de 1825 a 1828; fôra entrementes escolhido senador (1826), e veio a fallecer em Pernambuco, em 1846, muito chorado por todos.»

Nascido em 1771, morreu por tanto na avançada idade de setenta e cinco annos.

VII

Francisco de Paula Mayrink, cujo nascimento occasionou a morte de sua mallograda mãe, como já vimos, não tinha vocação para as letras, e por isso não foi para o Rio de Janeiro com seu irmão, como talvez desejassem suas boas tias. Terminado o seu estudo de grammatica latina, de arithmetica elementar e de um pouco de francez, quiz, muito rapaz ainda, abraçar a carreira militar para a qual se sentia attrahido. Seu pae, porém, que tinha razões para dissuadil-o de tal proposito, procurou inclinal-o para a lavoura, levando-o para sua fazenda, em Itaverava. Alli esteve algum tempo labutando, até que se convencendo da falta de queda para a faina agricola, se determinou a seguir os impulsos de sua vontade.

Obtida a acquiescencia de seu pae, que teve de ceder a suas reiteradas instancias, assentou praça de soldado no regimento de cavallaria de linha de Minas Geraes, a 12 de outubro de 1794. Tinha então dezenove annos de edade. Nomeado cadete em 1797, e porta-estandarte em 1808, foi promovido a alferes em 1810 e a tenente em 1819.

Ainda no posto de cadete, casou-se com D. Eufrazia Francisca de Assis, da qual teve diversos filhos.

Em 1821, por occasião, dos tumultuosos successos politicos que agitaram Villa Rica, prestou relevante serviço na manutenção da ordem publica, pelo que elle e mais tres officiaes mereceram ser declarados *benemeritos da patria* pelo governo provisorio, em officicio que este dirigiu ao Principe Regente, em 7 de dezembro do referido anno. (18)

Muitos outros serviços prestou como militar brioso, pelo que, promovido de posto a posto, como merecia, attingiu o de coronel, em que morreu.

VIII

Do esboço genealogico que acabamos de traçar vê-se que Marilia, quer pelo lado paterno, quer pelo materno, procedia de familias nobres e preclaras, que contavam em seu conjuncto varões illustres e senhoras distinctissimas. Não era, pois, uma plebéa de ascendencia obscura, como se tem dito; mas, ao contrario, uma nobilissima donzella, descendente de fidalgos de linhagem e solar conhecido.

---

(18) Revista do Archivo Publico Mineiro, anno 9º, fascs. 3º e 4º, pag. 604.

Capitulo IV de *Marilia & Dirceu*, obra inedita.

GRUPO ESCOLAR PEDRO II

Damos, no presente numero da *Revista do Ensino*, varias photographias do Grupo Escolar Pedro II, recentemente construido nesta Capital, á avenida Mantiqueira.

Trata-se, como bem demonstram as photographias que publicamos, de um edificio majestoso, de salas amplas e confortaveis, vasado todo elle nas linhas do puro estylo barroco-colonial, apresentando assim, ao lado da tradição revivida, uma caracteristica original e de elegante simplicidade.

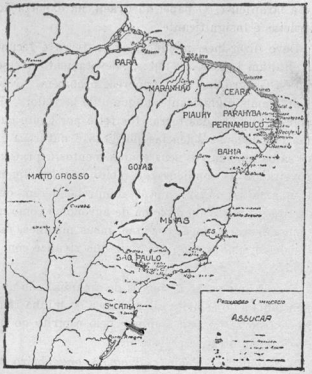
O edificio, que occupa uma area de cerca de 2.000 metros quadrados e tem dois pavimentos, possue seu mobiliario todo em estylo colonial.

O Grupo Pedro II, contornado, externamente, por um jardim elegante e sobrio, é uma construcção que veio enriquecer sobremaneira a ornamentação da Capital, com suas linhas de tonalidade leve e alegre, apezar de seu estylo serio, mas não pesado.

GRUPO PEDRO II — SALÃO NOBRE

Brasil economico

BEMVINDA DE CARVALHO AZEVEDO



Principaes productos: industria agro-pecuaria — gado, milho, café, feijão, assucar, algodão, fructas, cacáo, borracha, etc., com explicação sobre o valor economico nacional e de exportação de cada um desses productos

(Programma de Geographia dos Grupos Escolares, 3.º anno, 1.º semestre).

PARTES DA LIÇÃO

a) Um quadro synoptico do assumpto, posto antecipadamente no quadro negro, á esquerda;

b) Um esboço do Brasil, com a divisão administrativa, á direita;

c) O mappa do Brasil, de Olavo Freire, ao lado, bem visivel para a classe.

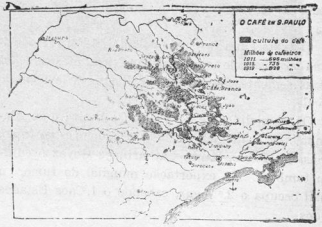
A arguição deve ser feita sempre á vista do *mappa-mundi*, de modo a forçar o ensino intuitivo e interessante, evitando-se o criminoso costume da *decoração*.

A Professora — Temos enumerado, nas lições passadas, as riquezas naturaes do Brasil. Vocês já pódem avaliar a grandeza desta nossa Patria, moça e calida, reparando que é uma terra prodigiosamente dotada pela natureza. E' preciso, porém, que os meninos, apprendendo a conhecel-a nos bancos escolares, façam tudo, mais tarde, para eleval-a. Como? Pelo amor á instrucção, ao cumprimento do dever. Saibam que não é patriota aquelle que só decanta a belleza deste céo macio, a primavera constante desta Terra brasileira e outras coisas congeneres. Não!

E' patriota o que tem fé no trabalho, o que ajuda seus semelhantes no desempenho de uma tarefa, o que, edificando o seu meio por uma vida sem ambições nem egoismo, auxilia aspirações nobres, movimenta o bairro em que vive, e, insensivelmente, a cidade, o municipio, o Estado, e o Paiz, emfim. Sim, meninos, a patria é justamente o resumo da vida de um povo. Será grande, si esse povo é grande; mesquinha, si elle não tem a idéa da propria dignidade. Passemos, todavia, á explicação de hoje.

Attentem bem: Designei aqui os nomes dos productos cultivados no Brasil (*apontando no quadro*): café, assucar, algodão, trigo, cacau, fumo, milho, feijão, arroz, mandioca, fructas. São *culturas tropicaes* caracteristicas, isto é, plantas que vivem, em optimas condições, nos paizes quentes.

A importancia economica do Brasil cifra-se em 3 productos: *assucar, ouro e café*. A plantação da canna foi introduzida nos tempos coloniaes.



Em 1530, Martim Affonso de Souza, o iniciador de nossa colonização, mandava plantar as primeiras cannas de assucar, vindas da ilha da Madeira. Mais tarde, com as descobertas das minas de ouro, tornou-se o Brasil a *terra do ouro*, excitando a cobiça dos aventureiros. No seculo XVIII, appareceu o café.

O *café* foi introduzido primeiro no valle do Amazonas, no Rio de Janeiro, em Minas, na zona da Matta. Os cafezaes de S. Paulo tendem a extender-se para as bandas do Paraná. Vejam aqui (*mostra no mappa*). Santos, Rio de Janeiro, S. Salvador e Victoria são exportadores desse producto que engrandece o indice commercial do Brasil.

A *canna*, como eu disse ha pouco, foi introduzida em S. Paulo e, em seguida, em Pernambuco e na Bahia. Imaginem vocês que, em 1642, por occasião da invasão hollandeza no Brasil, já a industria do assucar era consideravel. Actualmente, o Brasil occupa o 3.º logar entre os productores do assucar, pois as Antilhas e as Indias são concurrentes no caso. Hoje, é ella cultivada, maximé no nordeste brasileiro: Pernambuco, Parahyba, Sergipe, Alagoas e tambem na Bahia, S. Paulo e Rio de Janeiro.

No seculo XVIII, foi importante o cultivo do *algodão* no Ceará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Alagoas, Pernambuco, e Bahia. A exportação tornou-se consideravel no seculo XIX. Hoje, o Brasil occupa o 5.º logar. Os grandes centros de producção são os Estados Unidos, a India e o Egypto.

O *trigo* é cultivado nas zonas temperadas e, por isso, a sua cultura se tem desenvolvido nos Estados do Sul do Brasil, que estão e mcondições apropriadas.

O *cacau* é producto dos paizes quentes. O seu plantio se evidencia no littoral bahiano, nos municipios de Ilhéos, Belmonte e Cannavieiras. O Pará foi o primeiro productor desse artigo; Rio, S. Paulo, Minas e o Norte do Brasil o plantam em pequena escala.

O *fumo* é um producto colonial. Foi introduzido na França pelo ministro Jean Nicot, mas sabemos que as sementes passaram por Portugal, levadas do Brasil.

Os municipios de S. Felix, Cachoeira e de Alagoinhas, na Bahia, são grandes productores do fumo. Minas, S. Paulo, Santa Catharina e Goyaz o cultivam tambem. Na exportação mundial do fumo, o Brasil occupa o 2.º logar, cabendo o 1.º aos Estados Unidos.

O *milho*, um bom substituto do trigo, é cultivado em quasi todo o Paiz. Egualmente, o *arroz* e o *feijão*.

As *fructas* (laranjas, abacaxis, abacates, mangas) são cultivadas especialmente em Pernambuco, que é grande exportador de doces e fructas em conservas.

Na Bahia e em S. Paulo plantam-se a bananeira e a laranjeira. O papel do Brasil, na exportação de fructas é insignificante.

Devo dizer-lhes, meninos, que a terra é fecunda. Faltam braços, ou antes, devotamento a esse ramo da Geographia que ennobrece o homem. Não ha papel mais dignificante do que o do lavrador. E quando o preparo das terras fôr feito por gente que tenha estudado as sciencias physicas e naturaes e que saiba amoldar os seus conhecimentos á pratica, aproveitando as condições do meio, com intelligencia; quando os nossos moços comprehenderem que ha tanta grandeza no diploma de agronomo como no de engenheiro ou medico, então, meus meninos, não sei si haverá no mundo um Paiz que rivalize com o Brasil.

Vocês, que serão os moços de amanhã, não apaguem jámais do espirito a lembrança da minha fé de hoje. Não se deixem dominar pelo espirito do *bacharelato*, muitas vezes esteril.

Que vale ser medico, advogado, engenheiro, no diploma, si não o é na vocação ? ! Combatam mesmo as vaidades dos papás e das mamãs, todos aquelles que queiram interessar-se pelo cultivo da terra, e se tornem dignos da missão que acceitaram, ultrapassando o raio de *economia familiar*, indo além, muito além, até á *economia mundial*.

Finalmente, vou fazer algumas perguntas. Na proxima aula, trataremos da *exportação* de nossos productos, bem como de um importante ramo da actividade economica do Brasil: a *industria*.

— Quaes são, Luiz, os productos cultivados no Brasil ? Por que, Octavio ?

—Quando se iniciou a historia economica do Brasil, Julio ? Quando, Paulo ?

— Newton, chegue ao quadro, e escreva a palavra *café* nos Estados em que é elle cultivado.

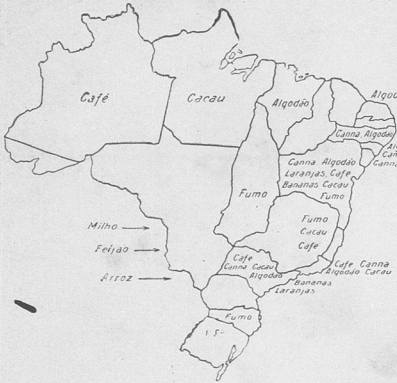
— Assignale, Cyro, os portos exportadores desse "ouro vermelho". E a canna ? Onde é plantada, Marcello ? Venha indical-o, no mappa, com giz amarello. O algodão, Maurilio ? Tome o giz, e determine os Estados que elle enriquece. O trigo...

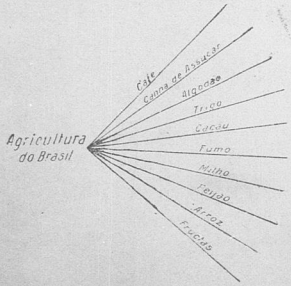
GRUPO PEDRO II — MOBILIARIO DA BIBLIOTHECA

Venha Vieira; com giz verde. O cacau... Você, Oswaldo. O fumo... Você, mesmo.

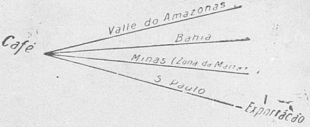
— As fructas... Chegue-se para o quadro, Mauricio. Bem; já vêem vocês que é facil cada um organizar o mappa da agricultura do Brasil. Tomem um papel, tracem o esboço do Brasil, reparem os Estados e escrevam dentro de cada área o seu producto correspondente. E, assim, divertidamente, estudarão a lição, esquecendo-se de decoral-a, porque, — escutem bem, meninos — o estudo da Geographia sem o complemento do desenho, que focaliza a localização rigorosa, é inviavel. Está bem. Tomem o schema.

MAPPA DA AGRICULTURA — BRASIL



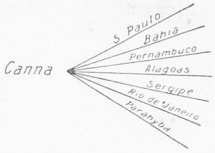


Schema n. 1

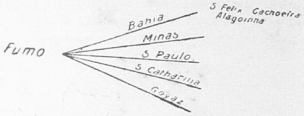


Schema n. 2

Schema n. 3

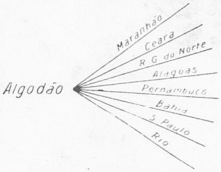


Schema n. 6

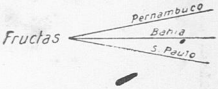


Milho, feijão, arroz, em todos os **Estados.**

Schema n. 4

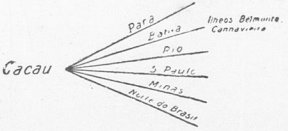


Schema n. 7



O trigo, nos Estados do Sul.

Schema n. 5



QUADRO SYNOPTICO

Brasil, Agricultura	Café Assucar Algodão Trigo Cacau Fumo Milho Feijão Arroz Fructas